

Escola Secundária de Rocha Peixoto
Grupo de Português

Loisas Nossas nº3

Loisas Nossas nº3-2021/2022
reportório coletivo contendo os nossos contos, fábulas, ditos e
muito mais...



Conto N°1.

página 4

Conto de A a Z.

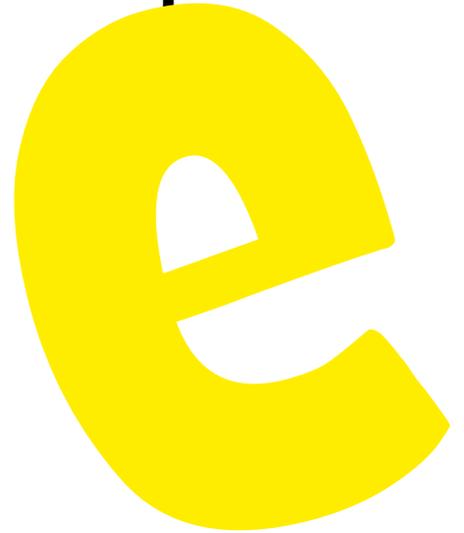
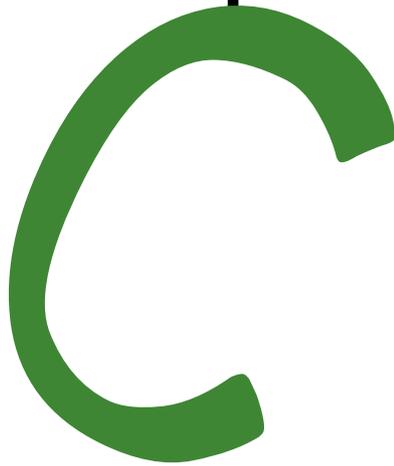
página 11

Conto de A...Z.

página 19

Conto N°4.

página 27



Conto N°5.

página 36

O A encontrou o Z.

página 40

O A encontrou o Z.

página 45

Conto Nº 1

Ensino Básico

OA encontrou o Z durante uma caminhada, onde tiveram a oportunidade de ouvir o chilrear dos pássaros e de contemplar uma bela e multicolor vegetação primaveril. Distraídos com o ambiente em redor, afastaram-se demasiado e, a dado momento, sentiram-se perdidos e preocupados. Continuaram a caminhar desorientados, até que finalmente se encontraram frente aos portões de uma quinta. J, um senhor que lá trabalhava, já com alguma idade, disparou:

- Rua, saiam daqui! - Gritou segurando com vigor o seu cão salsicha que não parava de ladrar.

O A e o Z olharam um para o outro, ainda tentaram segurar o riso, mas não aguentaram.

- Estão pr'aí a gargalhar?! Chega!

O A e o Z entreolharam-se. O riso cessou. Em seu redor, pequenos seres metamórficos mexiam-se desordenadamente. Eram Ós, Ts, Us, Ms, Vs, Ns, Ds, Gs..... J soltou um grito. A e Z só conseguiram vê-lo a segurar o braço com dor. Viram também o salsicha a correr em sua direção. O cão saltou, mordeu a perna de A que soltou o grito mais agudo que todos

já ouviram. Z, sem ter tempo para pensar, chutou o cão e com a força do golpe o cão transformou-se num astronauta.

- Nãaaaaaaoooo!!! gritou J – o salsicha não era mais o salsicha. A e Z desataram a correr desorientados. Os metamonstros, que transformavam tudo em que tocavam, grunhiam e cada pedra, cada raiz, cada flor, cada galho em que tocavam transformava-se. Era o caos!

Em pânico, A e Z correram e lançaram-se num lago. Por momentos, sentiram-se seguros. Os metamonstros, que os perseguiam, ao tocarem na água evaporavam lentamente. Uma enorme nuvem cinzenta cobria a céu. Perceberam, então, que a chuva seria a sua salvação. Esperaram ansiosamente pela chuva milagrosa. Finalmente, o tão esperado momento chegou. Fugiram a sete pés e refugiaram-se na gruta do R. Lá, bem ao fundo, o Senhor R estava sentado, tranquilo, na sua cadeira de diamantes, traçando pequenos círculos com o cálice de licor dos deuses.

Aliviados, julgando ter-se livrado dos metamonstros, A e Z pediram guarida a R que os recebeu de forma hospitaleira, apresentou-lhes um rico banquete e deu-lhes a beber um pouco do seu precioso licor. Sedento e ávido de experimentar o néctar dos deuses, A tomou a primeira golada e, desajeitadamente, devolveu o cálice ao seu amigo Z. Porém, quando já próximo das mãos de Z, A tropeçou no cadeirão de diamantes, entornando, assim, o resto do licor. (CATRAPUUUUM! Era uma vez um licor ...)

O senhor R, furioso, lançou-lhes uma praga:

- Serão transformados em METAMONSTROS para toda a eternidade!

E, de facto, aconteceu! Horrorizado, Z viu o seu amigo de

longa data a ser transformado, sob o efeito do licor. Primeiro, nasceram-lhe duas caudas, uma azul, outra verde; depois, dois dentes enorrrrrmes, e, no lugar de pêlos, inúmeros picos a cobrir-lhe o corpo.

E agora, que fazer?

Enquanto R berrava pelos guardas Gs, Z aproveitou para se esgueirar e pensar num plano para que A recuperasse a sua forma original. Já fora da gruta e longe do perigo, encontrou F, o feiticeiro mágico que, ao vê-lo aterrorizado, lhe perguntou o que se passava. Z em pânico e num ritmo trepidante contou a história ao feiticeiro, que lhe disse ter uma solução para o seu problema. Porém, o feiticeiro traiçoeiro, infetado com um vírus, pensou num plano maléfico para se curar. Sabendo que era a única pessoa capaz de fazer a poção e sentindo-se incapaz de ir em busca dos ingredientes, resolveu atribuir a tarefa a Z-encontrar 5 mágicos ingredientes.

- Tens que ir à casa de K, o produtor de kiwis dourados, e encontrar o primeiro ingrediente. Tens que desvendar o enigma: “Para os Kiwis dourados encontrar, o labirinto terás de ultrapassar”.

Ansioso por resolver o mais rápido possível o enigma, Z partiu em busca do dito labirinto. Por onde começar? Que rumo tomar?

Decidiu esperar pela noite e guiar-se pela estrela maior. Assim foi....

Já cansado e quase sem esperança, deparou-se com um gigante e forte L que o encaminhou em direção ao labirinto, prevenindo-o, no entanto que, durante o seu percurso, deveria atender aos diversos sons dos animais da floresta por onde deveria entrar.

Mais satisfeito, iniciou o percurso e, pouco depois, ouviu um corvo (Uiii... Uiii...), mas, vencendo o medo, seguiu caminho até encontrar uma banana brilhante e extremamente dourada. Apercebeu-se, então de uma inscrição na sua casca: “Parabéns, acabou de ganhar um ingrediente mágico; guarde-o até à próxima etapa... Boa sorte!”.

Seguiu caminho e mais um ruído: o rugir do leão despertou-lhe a alma e desatou a correr até chegar ao fim do labirinto. UFA! Uma etapa ultrapassada e mais próximo de encontrar o Kiwi dourado.

Já avistara a casa de K...Mas... olhou pela janela, luzes ligavam e desligavam, objetos flutuavam. Aproximou-se. RRRRRR...- as portas rangiam e sons arrepiantes saiam da habitação.

- UUUUhhh... UUUUhhh...

Aterrorizado, vagueou pelo exterior do edifício, esperando ganhar coragem para entrar. Respirou fundo e entrou cautelosamente.

A casa estava repleta de fantasmas em forma de W e com cabeças gigantes. A visão era assustadora: vassouras flutuavam-VVVVVVVUUU..., morcegos de olhos sangrentos voavam, quadros cuja imagem mudava e teias de aranha peganhosas abundavam por todo o lado.

Apesar do medo, encheu-se de coragem, respirou fundo e correu até à cozinha tão apressadamente que escorregou e bateu num dos velhos armários de especiarias da casa. O Z grunhiu de dor, quando sentiu o saleiro a partir-se na sua cabeça. Misteriosamente os fantasmas começaram a desaparecer. Aliviado por se ver livre dos seres paranormais, o Z recompôs-se e olhou para o interior do armário, apercebendo-se de que lá no fundo brilhava o segundo ingrediente mágico: uma maçã

dourada!

Porém, nada de kiwis!!! Mas, olhando para o exterior da casa, Z apercebeu-se de uma neblina acinzentada que circundava a habitação. Saiu e penetrou num universo paralelo, repleto de fruteiras mágicas a cantarolar. Lá no fundo, bem no fundo, os kiwis!!!

Z reparou num mais cintilante que os restantes. Era esse! Viu ainda umas uvas azuis e prateadas e uma papaia quadrada. Só podiam ser esses os últimos ingredientes!

Ao tentar colher os frutos, foi atingido por um raio. Eram os metamonstros em fúria, os Ós, Ts, Us, Ms, Vs, Ns, Ds, Gs..., a tentar impedi-lo de concluir a sua missão. As fruteiras, solidárias com Z, entoaram uma melodia de encantamento, atraíram os metamonstros para o nevoeiro, e estes dissolveram-se, evaporaram-se, desapareceram, escapuliram-se, puseram-se na alheta!. VITÓRIA! VITÓRIA. Era uma vez os metamonstros!

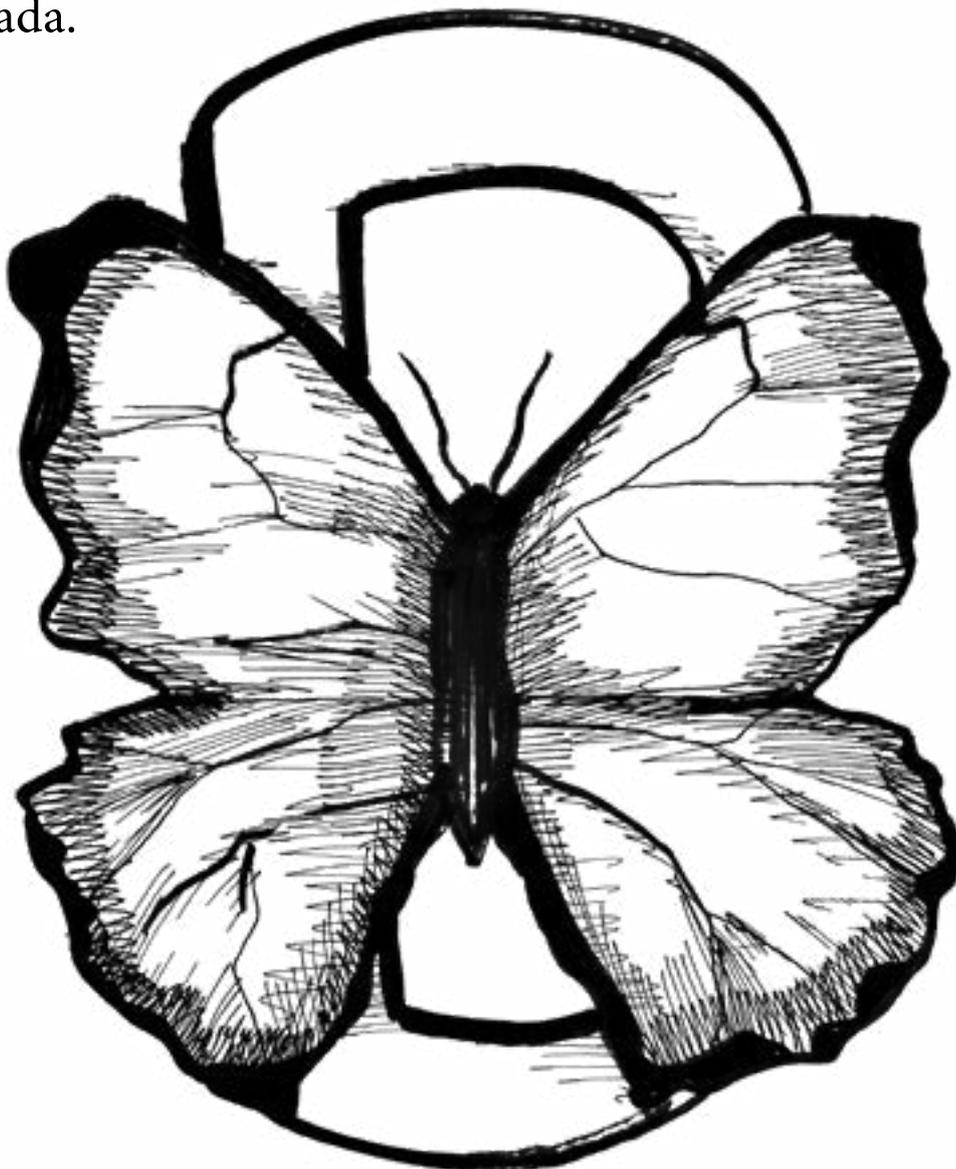
Num misto de euforia, alívio e ansiedade, Z ligou o turbo e desatou a correr. Regressou à realidade. Dirigiu-se à casa do feiticeiro, o senhor F, e bateu literalmente com o nariz na porta (“AI! Ai!”). A porta abriu-se.

O feiticeiro recebeu-o, feliz pela entrega dos ingredientes mágicos. Passou rapidamente à preparação da poção mágica. Ambos entraram no sótão sombrio, repleto de morcegos e teias de aranha. Lá estava o EEEEEEnoRRRRRRme CALDEIRÃO encarnado!

Aos ingredientes, o feiticeiro acrescentou o fígado de uma cabra, o rabo de uma ratazana, um dente de dragão e um morcego vivo. Misturou tudo e... mais uma pitada de sal!

Depois de pronta, o feiticeiro dividiu a poção mágica em

diversos frascos pulverizadores e entregou um deles ao Z, grato por este ter conseguido o que lhe era tão desejado. Finalmente, montado num unicórnio branco, Z dirigiu-se à gruta do senhor R. Lá, encontrou o seu fiel amigo A, recolhido num canto de uma sala toda em pedra, cabisbaixo e quase sem fôlego. De imediato, Z apontou o frasco em direção ao A e, com duas borrifadelas em pleno focinho, assistiu à transformação do seu amigo: desapareceram-lhe as duas caudas, depois os dois dentes enorrrrrmes e os inúmeros picos a cobrir-lhe o corpo, voltando à sua forma natural. E foi assim que os amigos inseparáveis A e Z retomaram a sua caminhada.





Conto Nº2

10º Regular

No início dos tempos, havia um planeta isolado e sombrio no imenso espaço do universo e os seus habitantes, os alfabéticos, estavam como que adormecidos e viviam vidas independentes e separadas.

A certa altura, um dos maiores vulcões de ALFA entrou em erupção. Em chamas, o planeta parecia uma enorme bola de fogo repleta de rios de lava. Foi uma explosão de cores e luz! Entre os alfabéticos, instaurou-se o pânico e a incerteza quanto ao futuro das Letras. Então, o “A” tomou a iniciativa de chamar o “R” e, juntos, formaram a palavra “Ar”. De imediato, começaram a soprar brisas de vento vindas da Atmosfera. O A estava radiante! Pela primeira vez tinha criado algo e a sua sensação era única!

À medida que a erupção evoluía, as restantes letras foram despertando e começaram a juntar-se para tentar solucionar o problema. O A e o R, agora muito viajados, tomaram conhecimento de outro planeta- o Planeta dos Números - que não ficava longe e aparentava ser organizado e seguro, o que incentivou o resto das Letras a partirem para lá. À chegada,

sentiram-se hostilizadas, desde logo porque o Zero (0) negou o alojamento dos alfabéticos. Contudo, o 2, numa tentativa inteligente de se livrar dos invasores, disponibilizou-se logo para os auxiliar na sua instalação noutra Planeta não muito distante, mas em tudo muito semelhante: o Planeta dos Estrangeiros. Assim aconteceu e os alfabéticos partiram, comandados pelo número 2. Durante a viagem, algo de inesperado aconteceu!... O 2 sentiu uma atração química pelo H e pelo O e nunca mais se separaram!... Quando desembarcaram, o novo Planeta parecia habitável mas árido.... Enfim, nada que o novo elemento, muito alfabético e meio numérico, o H₂O não pudesse ajudar a resolver. Quem não gostou muito da ideia foram os estrangeiros- o W, o Y e o K...

Logo após a chegada do H₂O, formaram-se rios, lagos e oceanos, e assim nasceram nas águas algas e a terra encheu-se de vida e de cor. Em contrapartida, os Estrangeiros – o W, o Y e o K–ficaram com inveja pela forma como a molécula de água se propagou e solucionou o problema que as incógnitas tanto se tinham esforçado para resolver. Com o passar do tempo, alguns estrangeiros começaram a entender-se com os outros habitantes e conseguiram confraternizar pacificamente uns com os outros. Só que o Y sempre se recusou a integrar-se na comunidade e, roído pela inveja, afastou-se para outro planeta.

Agora, no Planeta dos Números, tudo parecia estar regularizado e todos os habitantes se entendiam muito bem, mas o W, o K e outros estrangeiros começaram a sentir falta do Y. Assim, pediram ajuda ao 2 para tentar convencê-lo a voltar.

Entretanto, o Y, que se encontrava no Planeta Dos Sinais De Pontuação, esbarrou subitamente no !, que era alto, magro e

extremamente dramático. Espantado, exclamou:

- Mas agora existem extraterrestres no nosso planeta?!

Ao ouvir este grito, apareceu o ? e começou a questioná-lo sobre a sua origem e os motivos da sua chegada. Com isto, decidiram levá-lo até ao Rei, o . . . Aí chegados, o Rei estranhou a presença de um ser diferente e considerou-o uma ameaça. Ordenou, então, que as ‘, seus guardas reais, o prendessem, juntando-se aos (), já presos numa cela. Ao chegar, o Y deparou-se com os seus colegas de cela e partilharam as suas histórias. Soube-se então que estes tinham sido presos por quererem fugir do planeta para conhecer novos mundos.

Entretanto, os seus amigos W, K e 2 tinham engendrado um plano para os resgatar, já que o 2 tinha uma certa conexão com o ., pois eram amigos de longa data. O 2 convenceu, então, o Rei a libertar os prisioneiros, e estes, juntando-se aos sinais +, - e =, dirigiram-se ao Planeta dos Números e lá formaram uma incrível equação: $2(2y+2)=0$.

Depois de resolvida a equação, os amigos W, K, Y e 2 foram perseguidos pela numeração romana e fugiram para o Planeta das Letras, onde se esconderam no Templo da Gramática, porque estavam clandestinos neste planeta. Contudo, tiveram uma enorme surpresa! O Templo da Gramática apresentava-se escuro, sombrio, misterioso! Era um verdadeiro labirinto negro! As pesadas portas rangiam; a sombra das monstruosas janelas partidas formavam imagens fantasmagóricas; no interior perpetuava-se um silêncio sepulcral, só quebrado pelo ranger das portas e pelo vento que assobiava através dos ramos despídos das árvores circundantes. Terrivelmente assustados, procuraram um sítio seguro, mas foram barrados pelas orações que lhes propuseram um teste: se eles identificassem

corretamente sete orações, seriam bem acolhidos no Planeta das Letras. Caso contrário, ficariam aprisionados. Todavia, os guardiões do templo – as Classes de Palavras – socorreram os quatro amigos. Então, com a união dos Nomes e dos Verbos, ajudados pelas Conjunções, estabeleceram ligações, criativas e bastante amigáveis, resolvendo eficazmente o teste.

De seguida, para festejarem este sucesso com euforia, organizaram um banquete, no Planeta das Letras, para coroar o K, o W, o Y e o 2. No decorrer da cerimónia, os participantes mostravam-se alegres e entusiasmados para o momento da dança. Por detrás dos corpos movimentados e transpirados, o K observou o Y e o X a protagonizarem um momento apaixonante. E eis que surgiu o cromossoma masculino!

Contudo, o K, sentindo-se excluído e magoado pelos seus amigos X e Y, decidiu alertar as autoridades, o P e o Q, este último trazendo a sua poderosa arminha. Indignado com a situação, o Q disparou contra o X acidentalmente. Para espanto de todos, o X triplicou-se originando o cromossoma feminino! Com o aparecimento deste cromossoma, originou-se um enorme problema: a Constituição do Planeta das Letras não permitia a existência de mais do que uma letra igual, juntas. Ao aperceber-se disto, o Q foge, tropeça na perna do L, mas é apanhado pelo P, para ser presente a tribunal, cujo juiz era o V, de Verdade, e defendido pelo Advogado O circular.

O Q aguardou setenta e duas horas pelo julgamento, terminando depois por ser condenado a vinte anos de prisão efetiva, situação que muito o indignou. A ideia de passar os dias preso numa cela sombria e húmida e nela apodrecendo lentamente atormentava-o e deixava-o desesperado.

Com o auxílio do seu amigo de infância, o Advogado O

circular, o Q planeou uma fuga. A estratégia passou por fazer um buraco na parede da cela que dava acesso direto às condutas de saneamento que terminavam num rio, alcançando assim a liberdade.

A fuga teria o seu início às três horas da manhã. O Advogado O circular, conforme planeado, estaria à sua espera à hora marcada, num pequeno barco que os transportaria para um outro mundo, o “mundo dos recursos expressivos”.

Ao longo da fuga, o Q ultrapassou várias peripécias, enquanto enfrentava a luta contra o tempo, questionando-se frequentemente se conseguiria chegar ao local que lhe permitiria por fim alcançar a liberdade.

A certa altura, os dois amigos deparam-se com uma porta que, depois de aberta, lhes permitiria aceder ao “mundo dos recursos expressivos”. Surgiu um problema, um mistério por desvendar. Como abrir a porta? O Q partiu em busca de uma solução para as suas inquietações. Nesse preciso momento, apareceu o K. Os dois amigos concordaram em ajudar-se mutuamente e procuraram engendrar um plano, a fim de abrirem a porta. O problema foi pouco tempo depois resolvido, quando o K se lembrou da palavra “chave”. Com esta palavra, abriram a porta, dando mais um passo em frente.

Parecia tudo OK! A porta, realmente, abriu-se, mas com um grande estrondo. Por todo o lado, ecoavam uns terríveis sons que se repercutiam num vai e vem interminável. Compreenderam, então, que estavam perante as onomatopeias, as fiéis guardiãs da porta:

- Crrrr! - rangiam umas...
- Slam! Blam! - batiam outras.

E era tal o chinfrim que o ómega Ω acordou lá dos confins do

alfabeto grego. Irritadíssimo, tentando equilibrar-se nos seus pezitos, lá veio ver o que se passava. Mas a sua marcha foi interrompida pelo interminável π , que vinha, como sempre, despenteado: aquela onda na cabeça nunca vinha arranjada. Também ele vinha zangado: tinham-lhe negado a mudança para o mundo das letras. Era uma injustiça! Ele tinha sabido que o A, umas vezes, era determinante, outras, uma preposição e até mesmo um pronome. Só ele, cansado de ser o senhor infinito, não podia tornar-se numa simples e curta onomatopeia, nem que fosse um minúsculo Pi! Pi! Pi! Só ele, o infinito dos infinitos, continuava igual a si mesmo. Isso não podia ser!

Entretanto, o π , num rasgo de inteligência, teve uma brilhante ideia: aquilo do K e do Q cheirava-lhe a aliteração... podia pedir parecer ao Advogado O circular, em troca da silêncio sobre o K e o Q, ali, no “mundo dos recursos expressivos”, do qual era o presidente desde os tempos da Poesia Trovadoresca. Mas, o Advogado O circular, numa longa enumeração de razões, não acedeu ao seu pedido, e achou mesmo aquela ideia do π um exagero. Porém, o Ω não viu nisso nenhuma hipérbole, mas, sim, uma ironia da sua parte. Estavam eles nestes paradoxos de opiniões, quando o π solta um eufemismo ao chamar turistas apressados aos foragidos...

E, palavra puxa palavra, ia-se dando uma grande revolução não fosse serem interrompidos por uma voz solene, vinda do universo: era o poderoso Júpiter, muito revoltado, porque os Deuses não tinham conseguido domar os ventos.

Segundo o pai dos deuses, Noto tinha-se deixado encantar pela melodia das vogais e das consoantes e fugiu com elas para sul, rumo a Andrómeda: queria, com elas, seduzir Vénus;

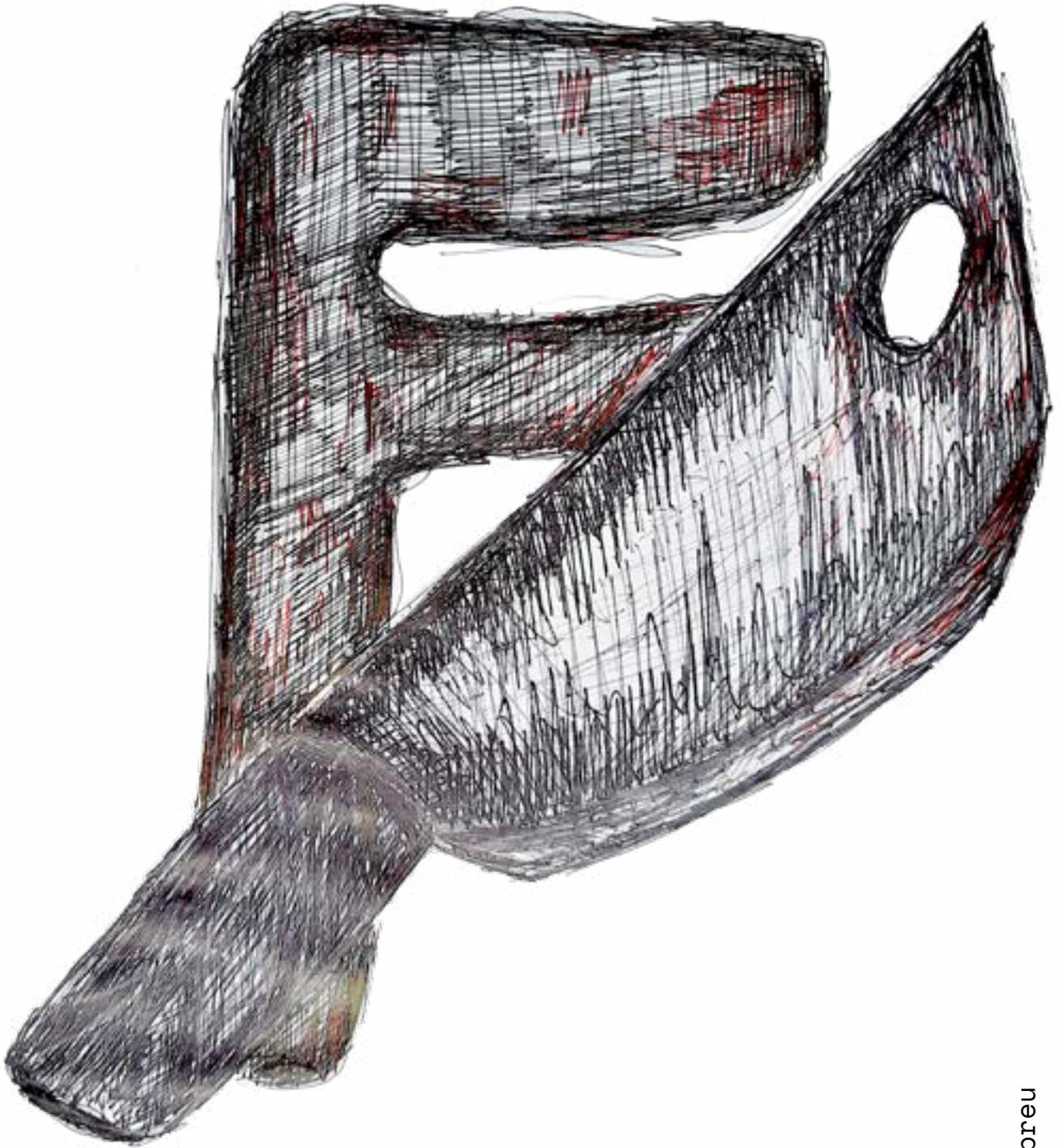
Bóreas, o vento do norte, viu nos números a oportunidade de aumentar e velocidade. Com eles, levou o algoritmo da soma e da multiplicação; já Zéfiro, suave e agradável, contentou-se em ficar no mundo dos “Recursos Expressivos”. Ao seu lado, ficaram as retas, os círculos, os retângulos, os triângulos, os trapézios... e os algoritmos da subtração (-) e da divisão (÷). Zéfiro era muito dócil e só pretendia a harmonia. Então, decidiu que devia fazer algo para reconquistar as letras dos Alfabéticos. Com a ajuda do menos (-), começou por subtrair preconceitos, diminuir raivas e reduziu o mal ao universo; com a da divisão (÷), repartiu os afetos e dividiu amor. E era tal a alegria que o círculo, as retas, o retângulo, o triângulo, o trapézio e quadrado se lhes juntaram e criaram a representação da mulher. Mas, como que por magia, dos dedos desta, surgiu um novo ser, o homem.

Em homenagem aos Alfabéticos, quis, então, Júpiter batizar a mulher de A e o homem, de Z. Juntos, provocaram um enorme BIG BANG da Humanidade, num universo onde as estrelas formam substituídas pelas mais belas combinações de letras, números e símbolos.

FIM



Miguel



CONTO Nº3

11º Regular

Em Alfadeia, viviam as famílias ALFABETO e ALFAMITRA, ambas numerosas. Esta última, acabara de chegar vindade Inglaterra, com costumes rebeldes e pouco nobres, mas empenhados na produção de azeite. Os pais eram o K e a W e já tinham os filhos Kjúnior e H, que era mudo, e aguardavam por mais uma benção.

Por toda a aldeia já se fazia festa, ansiosos por aumentar o abecedário. Porém, o nome do novo rebento não foi bem recebido pela família ALFABETO «Afinal, quem nomeia o seu filho de Y?». Instaurou-se um clima de tensão entre famílias. Isto, porque os ALFABETO ficaram indignados por a letra Y substituir o I, considerando um ataque à tradição da língua portuguesa. Deste modo, engendraram um plano para sabotar a produção de azeite dos ALFAMITRA.

Assim sendo, e sabendo onde era a fábrica onde se fazia o azeite, os ALFABETO vestiram a sua indumentária do costume: calcinhas bege e camisa azul e levaram alguns garrafões da sua produção de Somersby. Sim, porque ALFABETO que se preze não bebe outra coisa! E o que fizeram?! Despejaram esta

bebida no azeite DOP dos ALFAMITRA.

Entretanto, e enquanto isto acontecia, na escola secundária, Kjúnior conhecia a miúda mais gira que ele já tinha visto, chamava-se Carminho, mas toda a gente a tratava por C. Foi amor à primeira vista!

Quando os ALFAMITRA perceberam que a produção de azeite estava totalmente estragada, ficaram possessos e contrataram o detetive T, primo afastado do chefe de família para resolver o assunto.

Entretanto, na aldeia, aproxima-se o anual baile de máscaras, subordinado ao tema “Sopa de Letras”. Na festa, todas as Letras comiam, bebiam e dançavam. Todos estavam divertidos e felizes, exceto a senhora S e o senhor P da família ALFABETO. A mulher estava intrigadíssima com a postura do marido que vinha disfarçado de G, Guna. “Ai como ela gostaria de o ver vestido de B, “BOND-James Bond!”. Era inadmissível que a mulher mais sensual da festa, cheia de curvas, fosse a mais mal acompanhada!

Estava S nestes pensamentos, quando irrompe no salão o elegante T, disfarçado de Z (Zorro) que a convidou para dançar. Enquanto dançavam, a sedutora S não perdeu tempo e encaminhou Zorro para um momento a sós, num bar de Alfama ali próximo, o que deixou o senhor P ainda mais cabisbaixo, ou melhor, furioso seria o termo mais adequado. No bar, Zorro manda vir duas Somersby e ela, fascinada, conta-lhe que essa é a bebida produzida pela sua família e revela-lhe a sua receita. Como já tinha bebido um bocadinho, acabou por confessar o segredo da sabotagem do azeite da família rival.

Após ter descoberto o segredo, o T tinha de ligar a alguém sem a senhora S saber. Enquanto ela foi à casa de banho retocar

a maquiagem, o detetive aproveitou a deixa e foi para a varanda mais próxima ligar ao chefe da família ALFAMITRA. Contudo, T não percebeu que o P estava de olho nele para o confrontar, despeitado por este lhe ter seduzido a sua S, a sua senhora! Escondido atrás de um pilar ouviu o nome da esposa no meio da chamada e decidiu acabar com a palhaçada. Chegou por trás do detetive T e PIMBA! Partiu uma garrafa de Somersby na cabeça pondo-o quase inconsciente, a dizer o conhecido trava-línguas de marca pessoal “Pardal pardo, porque palras? Palro sempre e palrarei. Porque sou pardal pardo. Palrador de El-rei.”!....

No dia seguinte, já toda a Alfadeia sabia do sucedido e encontrava-se mais dividida do que nunca, impedindo, inclusive, o esperado encontro entre Kjúnior e Carminho. Estes estavam desolados, principalmente Kjúnior que via o amor da sua vida escapar-lhe entre os dedos. Numa tentativa desesperada de uma reconciliação, decide escrever uma carta a C, combinando um encontro à socapa. Mas, sentindo-se sem inspiração, pediu ajuda ao amigo R, o Romântico, um conhecido galã com fama de galanteador entre as miúdas de Alfadeia e arredores.

Assim, o Romântico escreveu um poema ultrarromântico, convencido que KJúnior queria impressionar a sua namorada Jona. Ele gostava muito de Jona, achava-a uma miúda muito fixe! O que ele não sabia era que o poema encomendado era para Carminho, a ALFABETA.

Jona Vanessa, a J, era namorada de KJúnior há alguns meses e andava a estranhar alguns comportamentos do namorado: distante, desinteressado, a pôr likes nas fotos de biquini de todas as ALFABETO e a fazer comentários melosos

a uma tal de Carminho!

KJúnior havia marcado um encontro com Carminho na rulote das bifanas, que era do Michel, filho de uns emigrantes que tinham chegado de França há algum tempo. Eram as melhores bifanas da Festa da Sopa de Letras! Carminho não gostou muito do sítio, preferia que fosse no restaurante de sushi onde ela ia com os pais, mas pronto! Kjúnior não tinha esses hábitos!

Encontraram-se, quando já toda a gente estava a divertir-se: Quim Barreiros cantava “Os animais da quinta” e todos dançavam e cantavam animadamente. Sem dúvida que Carminho preferia o ambiente do Rock’nRio, era muito mais chique! Mas o importante é que ela ia dizer a Kjúnior o quanto tinha gostado do poema que ele lhe fizera chegar. Kjúnior parecia mesmo apaixonado por ela.

Quando Carminho se preparava para dizer a Kjúnior que tinha adorado o poema, são subitamente interrompidos por H e Jona Vanessa que também estavam no mesmo local, a ter um date escaldante. No momento mais quente do beijo, os dois irmãos avistam-se, começando freneticamente a discutir por linguagem gestual.

Jona Vanessa exalta-se e começa a gritar “O MEU HOME...!!” e em seguida Carminho pergunta:

- Qual deles? - e os dois respondem ao mesmo tempo:
- EU!

Todos ficam chocados ao descobrirem que o H não era mudo - QUE ESTRONDO!!!!!! Afinal tinham sido enganados a vida toda...

H rapidamente tenta explicar-se e revela que Jona foi a grande salvação da sua fala, devido ao seu beijo encantado. H

pede desculpa a Kjúnior e confessa-lhe que a maldição da sua mudez só poderia ser quebrada com o beijo da namorada do seu irmão.

Kjunior irritado com toda esta situação, de o irmão ser talarico e mentiroso, um autêntico FAKEMITRA, puxa Carminho pela bolsa da Bimbi Y Loli e espeta-lhe um beijo feroso. Nesse momento, surge um primoço de Kjunior, o Leandro, conhecido por L, aproxima-se de Kjúnior e pede-lhe o seguinte:

- Mano, orienta-me 35 cêntimos para o metro/ la arika.

Neste momento, Kjúnior apercebe-se que Carminho usa bolsas falsificadas, acabando o seu brilho e o seu interesse por Carminho.

Com tudo o que se tem passado entre as duas famílias, muitos começam a interrogar-se “Mas afinal como vai isto terminar?” A curiosidade sempre matou, mas aqui era inevitável! Uma coisa todos sabiam – tal como o azeite não se mistura com a Somersby, os BETOS também não se misturam com os MITRAS, pois se ambos se juntassem, a festa popular em Alfadeia seria um “Beef” em vez de uma “Sopa de letras”.

Assim se foi passando o tempo, e nada mudava. As palavras já não andavam no ar, nem mesmo de casa em casa. As famílias, que antes se juntavam ao domingo para o grande Alfamoço no centro da Alfadeia enquanto as crianças brincavam cheias de alegria no rosto, as mulheres que se juntavam para coscuvilhar a vida alheia e os homens que frequentemente combinavam a próxima partida de futebol entre ALFAMITRA E ALFABETO, estavam agora mais distantes que nunca. Eram como conhecidos que se desconheciam mas que partilhavam memórias inesquecíveis.

Já se tinham passado três longos meses e a família ALFAMITRA estava prestes a dar a conhecer ao mundo o novo membro da família, o Y. A mãe W continuava a percorrer o corredor do hospital, de um lado para o outro, à espera que o pequeno se decidisse a largar o ninho de uma vez por todas. Já lá estava há quatro horas com o seu marido enquanto Kjúnior e H estavam na escola sem ideia de que dali a duas horas iriam ser irmãos mais velhos.

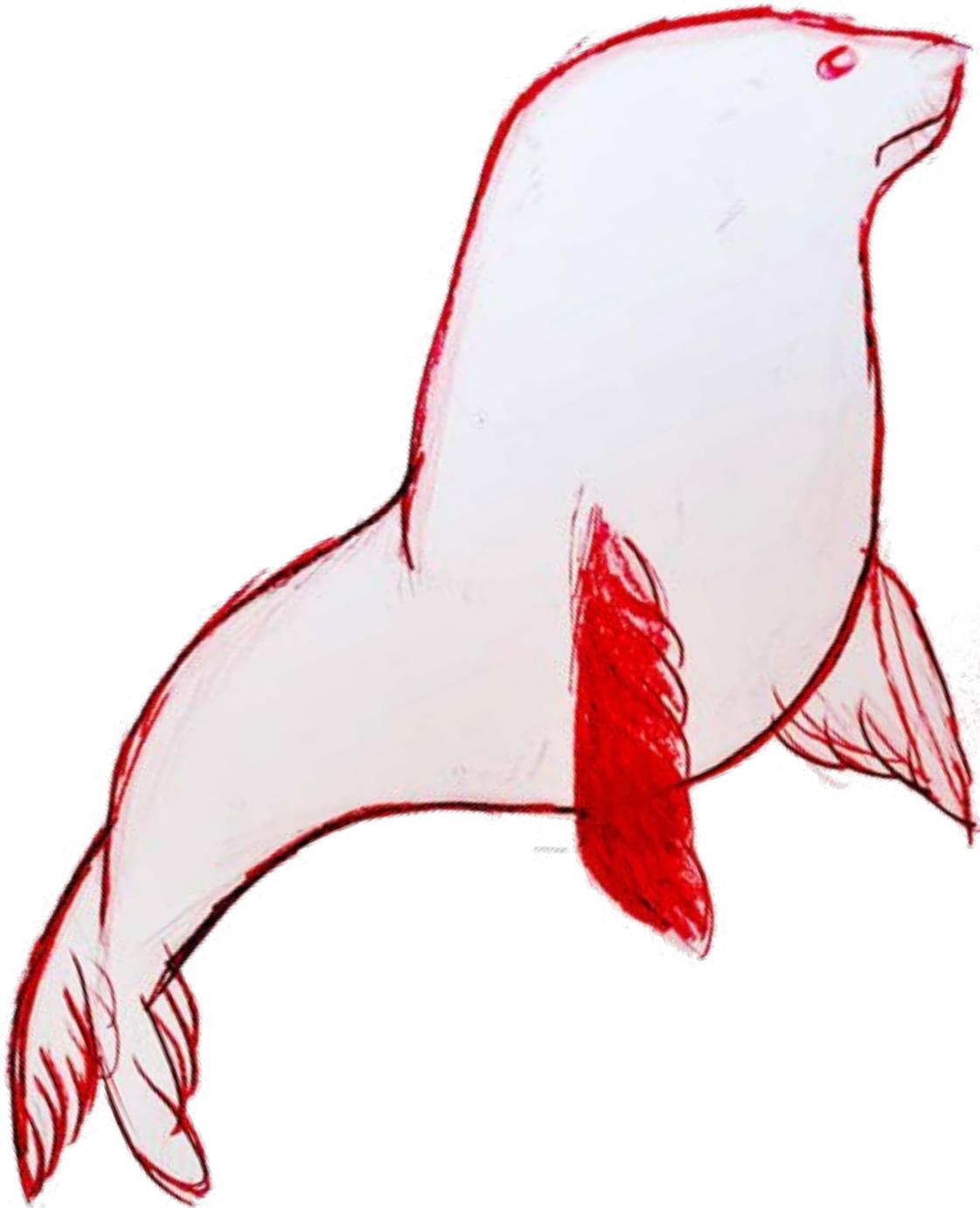
ESTAVA NA HORA!!! Y estava, finalmente, pronto para se mostrar ao mundo e aprender a voar. Enquanto o médico levou W para a sala onde esta ia dar à luz o pequeno Y, o K pegava no carro para ir buscar os dois mais velhos à escola. Quando chegou, já estavam os dois à porta, e foi então que o pai lhes deu a tão esperada notícia, mas o que ele não reparou é que a mãe de Carminho também lá estava para trazer a sua filha para casa, ficando a saber que o Y vinha a caminho.

Entretanto, chegaram os três ao hospital e ficaram na sala de espera até o médico lhes autorizar a entrada na sala. O tempo não passava mas a ansiedade continuava a aumentar. Ao longe, um homem de bata branca vem em sua direção com um enorme sorriso na cara e, aí, perceberam que tinha corrido tudo bem e que Y já tinha nascido. Levantaram-se, então, rapidamente, e qual não foi o seu espanto quando viram entrar a família ALFABETO pela porta do hospital. A cara de choque instalou-se nos três, pois o que eles não sabiam é que a mãe de Carminho tinha espalhado a notícia pela Alfadeia e a família ALFABETO decidiu deixar o orgulho de parte. Os três foram presenteados com um grande abraço de grupo e muita alegria.

Finalmente tinham percebido que as diferenças não deviam

ser vistas como barreiras porque, na verdade, somos todos diferentes e é o que nos faz ser únicos. No “alfabeto” não existe apenas uma letra, mas sim várias, todas diferentes, e todas se encaixam, e unidas formam palavras. É como nestas duas famílias, são bastante diferentes mas podem juntar-se e aprender e, ainda, formar o grande Alfabeto em que cada letra é única mas que, com a ajuda de outras letras, podem dar cor e felicidade ao mundo.

E, a partir desse dia, os ALFABETO e ALFAMITRA puseram as suas diferenças de lado e construíram memórias juntos que nunca mais esquecerão.



Conto Nº 4

12º Regular

Num mundo onde as letras eram rivais, o A, que vivia na sociedade dos Ás, chegou à conclusão de que vivia num mundo demasiado limitado. Nunca tinha saído desse lugar e sempre conhecera as mesmas coisas: abóboras, águias, água... Aos 17 anos de idade, teve a curiosidade de conhecer a história da sua civilização. A sua avó era a pessoa certa para lhe contar os segredos dos seus antepassados. Com efeito, ela descreveu-lhe um tempo memorável em que o Mundo A convivia com Mundos distantes. Os exames escolares estavam feitos e era tempo de férias, por isso a letra A não conseguiu resistir à chama devoradora da sua curiosidade acumulada ao longo do tempo, preparou a mochila e pôs-se a caminho.

O dia encontrava-se soalheiro, as aves cantarolavam uma suave melodia quando o apressado A iniciou a sua viagem. As suas longas pernas de A maiúsculo faziam com que se deslocasse velozmente. Algum tempo depois, apercebeu-se de que se encontrava à entrada de um mundo desconhecido onde uma enorme placa ameaçava – “É expressamente proibida a entrada a letras desconhecidas a não ser que esteja acompanhado por

um residente”. Sentiu-se abatido, sem saber o que fazer.

De súbito, aproximou-se um ser estranho com três braços, muito enigmático, e perguntou-lhe:

– Quem és tu? Em que mundo vives? E, já agora, porque estás assim tão triste?

– Sou o A, por isso, sou do grupo dos Ás. Embarquei nesta aventura com o objetivo de conhecer novas terras e compreender o porquê da rivalidade existente entre as letras e, ao ler a vossa placa, percebi que não vou conseguir ir muito longe...

– A sério? Eu sou o E e vivo na comunidade dos És. Também nunca entendi de onde surgiu tanto ódio. Precisas de um companheiro de aventura? Comigo consegues entrar neste mundo e juntos certamente iremos chegar mais longe.

– Uma amizade nunca se recusa. – retorquiu o A. – Fico feliz por saber que as outras letras também podem ser simpáticas e amigáveis. É melhor fazermo-nos à estrada, A Amigo.

– Calma, Amigo, primeiro vamos descansar um pouco. Algo me diz que a jornada vai ser longa e cheia de emoção!...

Então, decidiram repousar na casa do E e, pelo caminho, o A ficou admirado com a diversidade de És que ia observando: ora um é, ora um Ê, ora um e... e um EI!? Perante o espanto do A, o E explicou que a sua sociedade procurava ser inclusiva e, embora no passado existissem divergências, as novas gerações estavam a tentar superar estas barreiras entre as sociedades.

Após uma bela noite de descanso, os dois parceiros seguiram viagem. De súbito, foram surpreendidos por um enorme estrondo. Amedrontados, olharam ao seu redor e avistaram junto a uma árvore um O. Deduziram que rebolara pela montanha abaixo e embatera naquele arbusto. Preocupados, aproximaram-se e perguntaram-lhe:

– Estás bem? Magoaste-te?

Dorido, o O apenas suplicou que o ajudassem, pois estava a ser perseguido pelos soldados da sociedade dos Us.

Os Us eram um grupo de quem ninguém gostava. Eram violentos e não aceitavam a diferença. Para eles, todos tinham que ter aquela forma fixa de dois braços virados para cima. E o O era realmente obeso, bem, uma letra redonda, muito redonda! Mas os Us não perseguiram só os Os, perseguiram todos aqueles que eram diferentes. O I, por exemplo, era perseguido por ser imensamente magro e quase invisível, e por ter perdido a cabeça. De facto, a pinta estava sempre separada do pescoço!

O E e o A não conseguiam perceber esta falta de abertura! Então, quem é diferente não tem direito à inclusão!?

Assim, e não receando o exército dos Us, travaram a queda do O, impedindo-o de continuar a rebolar. Tiveram alguma dificuldade em ajudá-lo porque os Us eram muitos, mas entretanto foram socorridos por um grupo rival dos Us. Eram os Guardiões do Alfabeto e detestavam estas brigas que os Us arranjavam constantemente. Assim, o Guardião Gabriel, que era um pouco gago, gaguejou qualquer coisa impercetível. O Corajoso, que conhecia as dificuldades de fala do Gabriel, tomou a palavra e disse:

– Outra vez? Como é que conseguem ser tão quadrados, Us? Há anos que lutamos para que as diferenças se esbatam e vocês são sempre do contra! Não perceberam que vivem no século XXI? Em vez de promoverem a União, provocam a Discórdia e o Ódio! O vosso discurso e as vossas atitudes só geram Violência!

– E...e...exata..ta...ta..mente! – gaguejou Gabriel.

– Sabem, há muitos, muitos anos todas as letras viviam juntas numa sociedade alegre e unida, onde a única regra que existia era “ só as mesmas letras se podiam relacionar”, porém, surgiu um amor impossível entre a Vitória e o Otávio e desta relação ilícita nasceu Ulisses que nunca foi aceite pela sociedade. O U, sentindo-se marginalizado, decidiu criar a sua própria sociedade impedindo qualquer intrusão. – explicou o Corajoso.

– Então, e as outras letras? – perguntaram o A e o E em unísono.

– Todas as restantes letras, após terem visto o que tinha acontecido, ficaram aborrecidas e optaram por se individualizar em pequenos mundos. – respondeu o P, que estava a escutar atrás de um pedregulho.

– Que cabeça tão grande! – comentou o O.

– Quem és tu? – perguntou o A.

– Eu era o antigo presidente do mundo P, mais conhecido por Paz. E já agora, quem és tu barrigudo? Deves ser o O. – sorriu o P – Já há muitos anos ando a pensar... Eu tenho um plano para juntar todas as letras do alfabeto novamente.

– Qual é o teu plano? – questionou o A.

– Conheço um feiticeiro, que mora na Floresta de Fungos do mundo F, mestre na arte de formar palavras e que está disposto a ceder-nos uma poção de sopa de letras. – explicou o P.

– Parece-me bem, podemos juntar-nos a ti para ir ao encontro do feiticeiro?

– Claro! Mas primeiro temos de ir ao mundo V tomar a vacina antifúngica SARS-Fungos-2.

O A, o E e o P dirigiram-se para o mundo V. A meio do caminho encontraram umas letras perdidas e nunca vistas, o que deu logo a sensação de que eram estrangeiras - o K, W e o Y. Estas letras estranhas aproximam-se e o Y disse-lhes de imediato:

– Precisamos de ajuda, somos de outro país e estamos sozinhas neste mundo.

O que o A, o E e o P não sabiam era que estes estavam infetados com o tal fungo, o SARS-Fungos-2. Incautos, aproximam-se deles prontos a ajudá-los. De repente, o P, o mais Perspicaz do grupo, alertou-os para o facto de que circulava um rumor de que umas letras estrangeiras estavam a tentar transmitir o fungo para as restantes, com o intuito de não se sentirem excluídas. Daí que se tenham afastado sem hesitar e prosseguiram o seu caminho.

O K, o W e o Y, ao verem o seu plano falhado, foram por um atalho com o objetivo de chegarem primeiro do que as outras letras e, assim, roubarem as vacinas. Quando chegaram ao mundo V, estava à porta o M, de Máscara, que as impediu de entrar devido ao rumor que circulava acerca das mesmas.

Estas letras afastaram-se e pensaram numa solução. E se o W entrasse de cabeça para baixo fazendo-se passar-se por um M, garantindo, assim, a entrada no mundo V, já que não era uma letra ameaçadora?

Assim, o W aproximou-se e entrou sozinho no mundo V. Este era um mundo de muitas restrições e havia muito medo do perigoso fungo. Todas as entradas eram reguladas por um teste feito pelo Doutor D. Como o seu teste acusou positivo, os Bs da Bófia levaram-no para o mundo Q para ficar em Quarentena. À saída, os Bs e o W foram avistados pelo Y e pelo K que se aperceberam que o seu plano fora por água abaixo.

Entretanto, o A, o E e o P chegaram ao seu destino, o mundo V. Foram ter com o M e pediram-lhe o acesso à vacina. O P tomou a palavra:

– Planeamos viajar para o mundo F e queremos tomar a vacina

SARS-Fungos-2. Por isso, pedimos autorização para entrar no mundo V.

Após uma análise por parte do M, foram escoltados até ao consultório do Doutor D. Com o teste negativo, prosseguiram para a sala das Vacinas, onde os esperava o V, o encarregado das Vacinas. Planeavam sair de lá o mais rápido possível, mas o E reagiu mal à vacina e teve de ficar aos cuidados do Doutor D. Assim, o A e o P seguiram viagem para o mundo F com a nobre missão de convencer o Feiticeiro a ajudá-los a reunir o Alfabeto.

Pelo caminho encontraram o Sábio. Este recomendou-lhes o uso do Jato, pois era o meio de transporte mais rápido e assim sobrevoariam a Legião dos Ls, que eram Loucos.

O Sábio tinha razão. A viagem foi rápida e sem sobressaltos.

Ao chegarem a casa do Feiticeiro, deparam-se com os seus seguranças, os Hs, que eram conhecidos por serem herdeiros de Hércules. O P, ao deparar-se com esta contrariedade, tentou apelar ao bom senso dos Hs, usando a sua diplomacia adquirida durante o período em que ocupou o cargo de presidente:

– Amigos, apelo à vossa consciência e espírito coletivo. Vimos aqui com o propósito de instalar a paz nos nossos mundos e de acabar com as diferenças que nos separam e com a intenção de falar com o Feiticeiro e adquirir a poção de sopa de letras que tem o poder de unir e formar outra vez o Abecedário .

Os Hs, comovidos com as sábias palavras do P, abriram as portas do laboratório do Feiticeiro.

O feiticeiro Xavier era velho, com umas longas barbas Ruivas e um cabelo desgrenhado e comprido. Atentos, o A e o P descobriram que ele tinha um Tereré numa madeixa do cabelo! Tinha um ar pouco afável, diga-se de passagem! No entanto,

ali todos o tinham em boa conta. Xavier, um homem sábio, que todos respeitavam, era, sem dúvida, aquele que poderia salvar estas letras da discórdia! Ele tinha o segredo, mas mais ninguém sabia! Ninguém, não, o neto sabia!

O Z entrou à socapa (que pena não se escrever zocapa!), rastejando por baixo da mesa onde estava guardada a bola de cristal do feiticeiro. Esta letra adorava criar zaragatas, mas, naquele momento, estava ali para fazer zaragatoas ao A e ao P. Precisava de ter a certeza de que eles não estavam infetados! O A e o P já estavam fartos de zaragatoas, mas lá se submeteram a mais uma ‘escarafunchadela’ no nariz!

– Mestre Xavier, agradecemos a oportunidade que nos deu de nos receber no seu laboratório. Achamos que terá a solução para estabelecermos a paz entre as letras do Alfabeto. Não se justifica este ódio quando somos todos irmãos e todos essenciais! Imagine a falta que faz uma letra numa palavra, ninguém pode substituir ninguém. Apesar de alguns de nós terem menos presenças do que outros, não significa que não sejamos importantes!

– E isso é assim tão importante? O mundo sempre se manteve de pé com esta discórdia e acho que não se deve mexer em nada. Já tenho oitocentos anos e sempre foi assim!

O neto de Xavier, que se chamava Norberto, estava a ouvir o discurso do avô e a abanar a cabeça em sinal de discordância. O avô estava mesmo a ficar velho e teimoso. Ele também achava que se deveria viver em paz e a solução estava na cabeça do avô!

– Avô, podemos falar a sós? Acho que se o avô quiser tudo se resolverá.

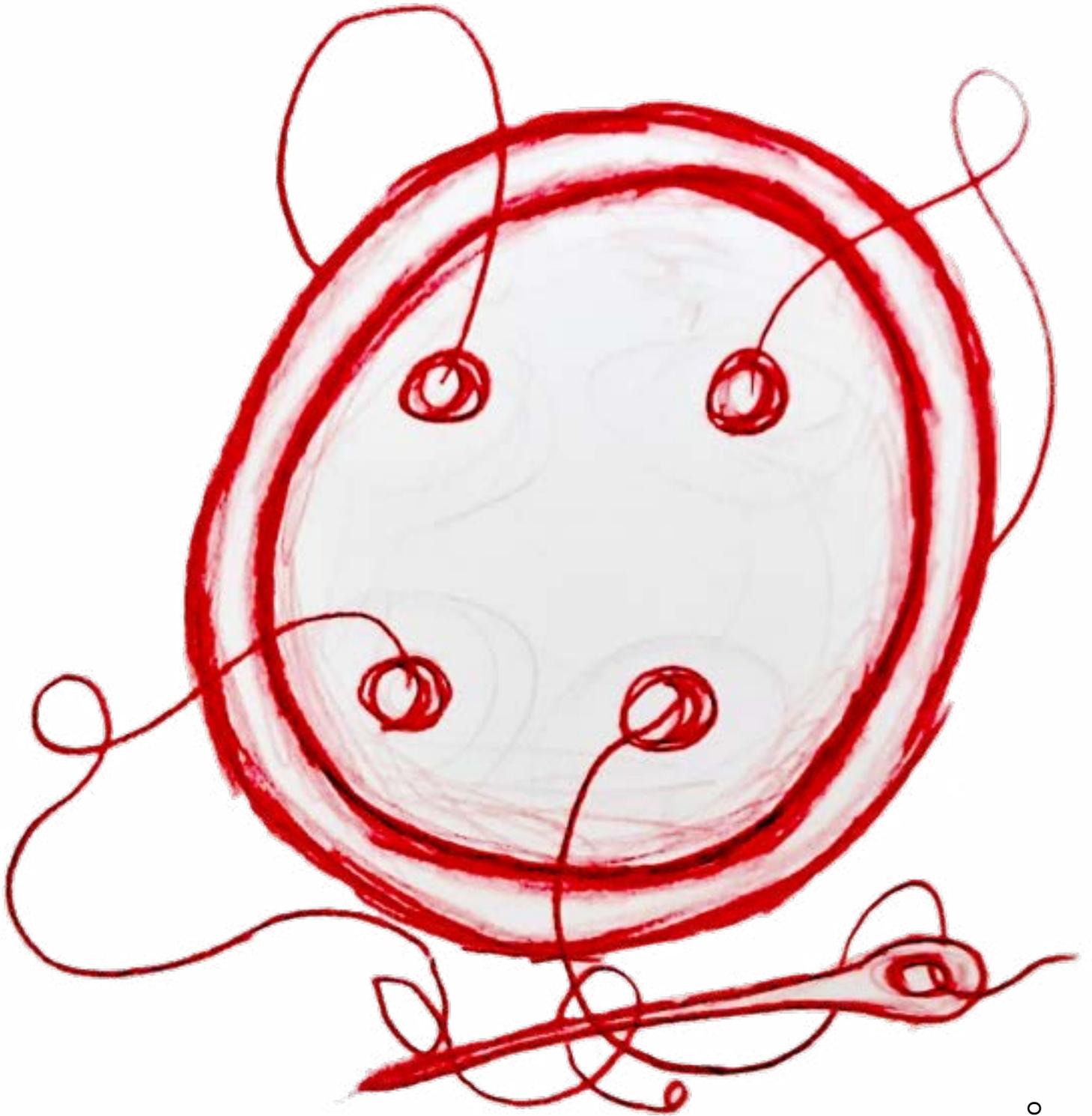
O A e o P perceberam que era a hora de se afastarem um pouco

para darem privacidade a avô e neto. O que iria sair dali? Será que um miúdo de dez anos venceria a teimosia de um velho de oitocentos?

Entretanto, no laboratório, Norberto tentava provar ao avô as vantagens de haver harmonia entre as letras. Acercou-se da bola de cristal, murmurou “Vadum, lalalia, mostre-me o mundo da alegria!” Imediatamente, surgiu na bola um mundo colorido cheio de letras que conversavam umas com as outras animadamente. Aquilo que Norberto observava era simplesmente inacreditável! O U a ajudar o O para que ele não rebolesse, o K e o S como dois velhos amigos e até o rezingão do C se tinha aproximado do H. Agora eram CH, cheios de orgulho por terem feito as pazes!

Rolou uma lágrima pelo rosto do velho Xavier. Pediu uma tesoura ao neto e cortou o Tereré. Era ali que residia a solução. Durante anos, ninguém desconfiara onde ele guardava o segredo da Concórdia! Entregou o tereré a Norberto. O neto chamou o A e o P que assistiram a algo nunca visto. Norberto colocou o tereré no caldeirão mágico e todas as letras começaram a sair! Foi bonito de se ver! A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, W, X, Y, Z todos juntos pela primeira vez ao fim de tantos anos. Que alegria! O mundo do Alfabeto estava novamente em harmonia!

Norberto estava feliz da vida com o que tinha acontecido, o A e o P dançavam e saltavam. A paz tinha regressado, tudo estava bem, de novo!



Conto Nº 5

10º Profissional

OA encontrou-se com o Z, na praia PV, num dia quente de verão. Os dois amigos que já não se viam desde a escola primária, ficaram muito emocionados e esqueceram a saudade um do outro, num sentido abraço.

Depois, o A poisou a mochila na areia, tirou a toalha, estendeu-se ao sol a conversar com o Z sobre os tempos passados, especialmente sobre as brincadeiras da primária e o tempo das primeiras namoradas. Recordaram então a M, a C, a P e a H.

Inesperadamente, avistaram a H ao longe no areal. Que grande coincidência! Detiveram-se na sua beleza: os cabelos loiros, os olhos azuis, um sorriso lindo que analfabetizava todos os que a viam. Ficaram indecisos... Deviam ou não ir ter com ela?

Estavam eles neste dilema, quando, subitamente, o vento do sul os empurrou mesmo na direção da bela H.

Zonzo, o Z ziguezagueou pela zona. Depois, fez zoom aos olhos e zumbiu zenemente:

- Sinto-me ziguezagueante, vou zarpar ... “zá” não aguento Zês zangados dentro de mim.

Mas o A, alheado à amargura do amigo, acomodou-se no seu

ar autoritário – afinal ele abria o alfabeto e o Z acabava-o – e atacou-a, com um arrasador e apaixonado abraço.

Horrorizada, a H habilmente hostilizou aquela hipérbole e as hierarquias, com humor:

- Honestamente, homem! Continuas hilariante. Honra-me, sou uma mulher honesta! Comigo, não tens hipótese, a não ser que ainda tenhas uma herança...

Então, o A, aterrado e alterado, atirou-se à água, arrependido da sua altivez.

Repentinamente, veio a C ..., correndo e cantando uma cantiga de amigo: “Ondas do mar PV”...

A melodia entoava com carinho e o Z, carente, completava calmamente:

-Se vistes meu companheiro e, ai Cupido, se verra cedo!

Entretanto, chegando cheirosa e charmosa, a C caiu nos braços do Z, que ficou cegamente cativo do seu coração.

-Caramba, Z, o teu coração bate a um ritmo de cruzeiro!

Mal ouviu estas palavras, os olhos do Z cintilavam como duas coroas luzentes. Ele sabia que a C era comprometida e já morria na sua coita d’ amor. Mesmo assim, via nela a sua deusa, a mais leal, eloquente, social, e, acima de tudo, a mais bela. Certamente que tinha sido alvejado pelo Cupido.

Ao fim da tarde, o X, vizinho e amigo do Z, bateu – lhe à porta, pois há muito tempo que os dois amigos não conversavam.

- Olá, amigo Z. Como estás? Pareces tão desanimado.

- Olá, X. Que bom ver-te! Tenho algo para te contar... Estou tão apaixonado...

- Quem é esta Paixão que te faz sofrer tanto?

- A mais bela dama que já enxerguei em toda a minha vida... mas é comprometida... Chama-se C.

O X ficou perplexo e confidenciou ao Z que tinha a certeza que a C já não era comprometida com ninguém.

Aliviado e muito feliz, o Z dirigiu-se à casa da sua amada e disse-lhe, apaixonadamente, que ela era tão perfeita e bela que deveria ter a sua beleza eternizada como uma obra de arte.

A C, completamente fascinada e enamorada, pediu ao Z que lhe cantasse a mais linda canção de amor.



Conto N°6

11° Profissional

-Ah! Agradável acontecimento achar aqui a adorável amiga. – disse o Z.

-Zomba! Zomba! – resmungou a letra A, zangada.

-Achas?! Apenas afirmei a admiração ao avistar-te.

-Talvez seja fácil fazer frases com A. Tenta com a letra Z...

-Azar.

-Tu pões-me zonha!

-Agora amuaste? – questionou o Z.

-Sabes que mais? Vou bazar aos ziguezagues. – gozou o A, voltando-lhe as costas – Tenho aula de zumba.

-Vai lá zumbar...buzinou o Z.

O A, muito zen, pegou na mochila e foi para a aula enquanto o Z, um pouco aziado, se pôs a zumbir e foi embora.

Passadas algumas horas, a letra A regressou a casa e ficou alarmada com um zunzum vindo do Zoo. Decidiu aproximar-se e ver com os próprios olhos o que estava a acontecer.

O Z estava fantasiado de Zebra, o Y de Yorkshire Terrier e o X de Xilofone.

- Por que razão estariam as três últimas letras do alfabeto juntas e fantasiadas? Já deve ser Carnaval e esqueci-me...- deduziu a

letra A, muito baralhada.

O A aproximou-se mais um pouco para ouvir a conversa dos três amigos e ficou agradavelmente surpreso.

Apesar de serem as últimas letras do alfabeto e das menos frequentes na língua portuguesa, o X, o Y e o Z queriam provar às outras letras que eram muito úteis. O que seriam a Zebra sem o Z, o Yorkshire sem o Y e o Xilofone sem o X? Uma tristeza com certeza...

O A ficou sensibilizado e exclamou:

- Olá, amigas!

- Olá, A... – responderam, muito admiradas, as três letras.

- Z, sendo nós a primeira e a última letras do alfabeto, poderíamos enviar um email a todas as outras letras, não achas? - sugeriu a letra A, muito entusiasmada.

- Afinal, somos todas imprescindíveis...acrescentou o A.

- Claro, A! Senão não faríamos parte do ABECEDÁRIO. As diversas letras do ALFABETO combinam-se umas com as outras, formando sílabas que, juntas, formam palavras. – argumentou o Z.

Chegou o dia do encontro. A biblioteca foi decorada com origamis e uma faixa em tons de azul na qual se desenhava cuidadosamente “Festa Das Letras”.

A letra A recebeu as suas amigas vogais com euforia.

- Ei, é aqui! Ou pensavam que era noutra lugar?

Em coro responderam:

- Ai amiga, há quanto tempo!

Entretanto, foram chegando outros convidados. A maioria entrou sozinha, mas alguns vinham aos pares. Entraram o CH, o NH e o LH. Logo de seguida chegaram de mão dada o RR, SS e o CC.

Depois de muita confraternização e bailarico, o Z propôs que jogassem ao Scrable. Houve uma grande animação enquanto as letras se juntavam para formar palavras, mas também houve alguma confusão porque havia grupos a roubar letras a outros. De repente, no canto da biblioteca, instalou-se o caos: um pequeno grupo estava a estragar o ambiente.

O A e o Z, enquanto organizadores da festa, interrogaram-se:

- O que se passará ali?

Foram investigar e descobriram que eram as letras C, O, V, I e D.

O A e o Z, apercebendo-se de que a situação era grave, lançaram um S.O.S.

O S, muito preocupado em socorrer os amigos, enviou um SMS à OMS, que contactou o SNS.

Minutos depois chegou o INEM. A equipa diagnosticou o problema: a letra V andava com más companhias.

Um psicólogo, que integrava a equipa, convenceu-a de que tinha muitas Virtudes, dela dependia a Vida. Então o V conversou com as letras C e I e as três saíram do grupo de arruaceiros, formando uma nova palavra: VACINA.

A harmonia foi reposta e as letras continuaram a divertir-se. Como a noite já ia avançada, as letras recolheram-se ao dicionário. A primeira a entrar foi o A e a última o Z.

Passados alguns minutos, o A e o Z abandonaram o dicionário para virem à procura do R que não se recolheu.

- Onde estará o R? – perguntou o A

- Perdido por aí. - respondeu o Z

De repente, apareceu o R, risonho e agarrado ao 11º.

O A e o Z, curiosos, questionaram o R:

- R, por que razão estás tu a relacionar-te com os números,

visto que somos rivais?

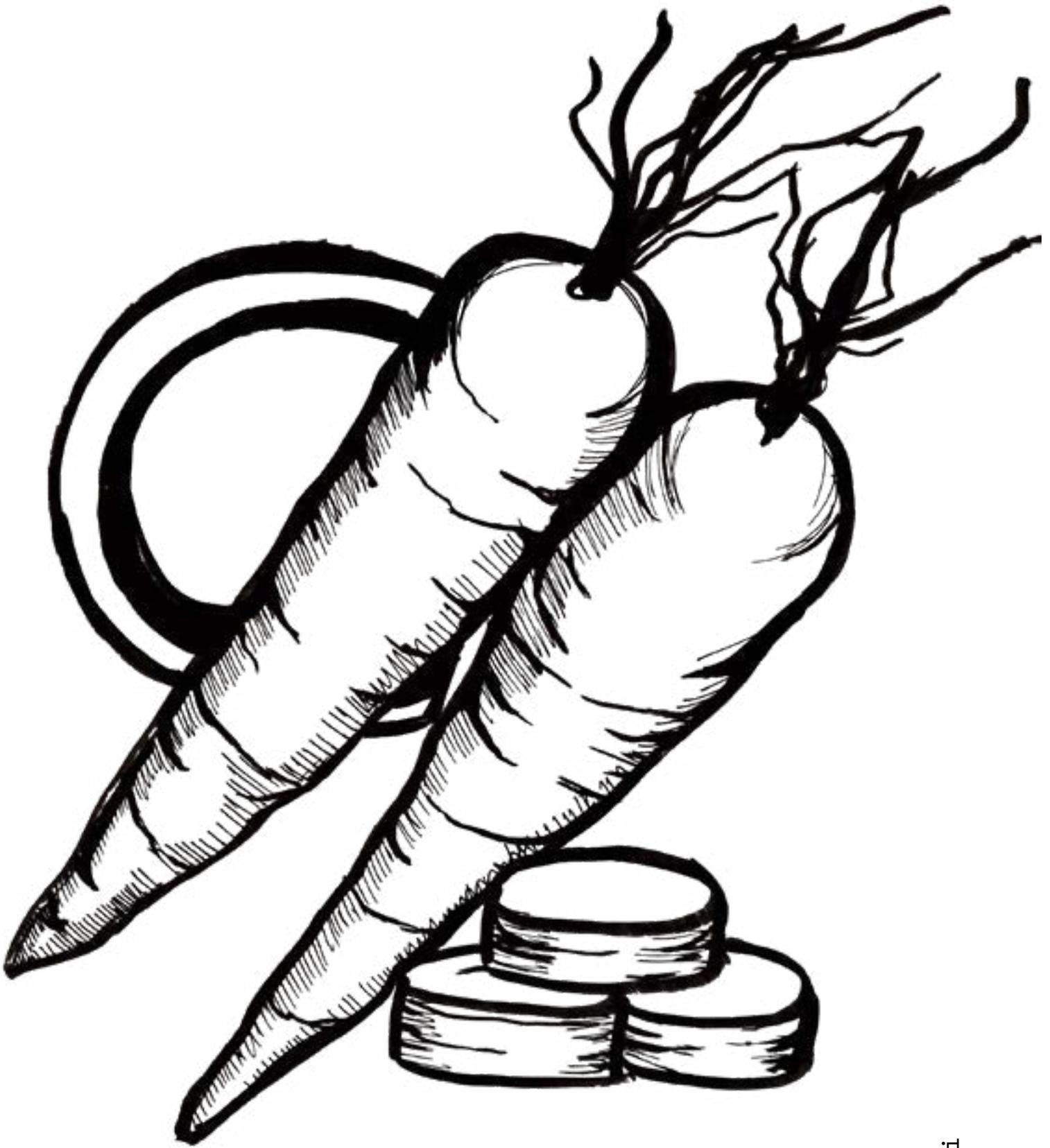
- Se não nos déssemos bem com os números, não haveria o 11°M, o 11°N, o 11°O, o 11°P, o 11°Q e, claro, o 11°R!

O A e o Z ficaram estupefactos com as palavras do R, pois ele tinha razão. Então, decidiram organizar mais uma festa, intitulada “Festa Dos Números e Das Letras”.

O convite chegará em breve...



Catarina Pontes



Conto Nº7

12º Professional

A pós a destruição da Vila Oculta do ABECEDÁRIO pelo Culto dos Números, liderados pelo infame Infinitler, era a primeira letra com que se cruzava em tanto tempo. O reencontro foi emocionante, especialmente depois de tudo o que passaram durante o violento massacre. Acabaram por prometer que iriam procurar juntos os seus companheiros e obter vingança. Numa manhã de nevoeiro, partiram em busca do B. Meio desnorteados, foram encontrá-lo num bosque cheio de frio e com medo da solidão. Aquele local era escuro e sinistro, com o orvalho do amanhecer a escorrer pelas folhas e a tolher-lhe os movimentos. Convidaram-no a seguir com eles na aventura que uniria, de novo, todas as letras da Vila Oculta. Ouviram dizer que o C estava escondido junto a uma cascata distante. A caminho, passaram pelo deserto, onde encontraram o D, sequioso e exausto de tanto caminhar na areia escaldante. Continuaram todos juntos em direção à escadaria de uma pirâmide antiquíssima. Lá, estava o E aborrecido com a monotonia da sua nova vida. Apanharam o foguete das dezasseis horas, conduzido pelo F e, a bordo, decidiram visitar

a galáxia mais próxima, acreditando que encontrariam o G. Encontraram-no. Contudo, esta letra não quis fazer o resto da viagem com os colegas. Os restantes amigos propuseram-lhe um desafio: se perdesse, teria de os acompanhar. A proposta era resolver uma sopa de letras em dois minutos. No entanto, o G não conseguiu e acabou por se juntar aos seus companheiros de viagem.

O H adoecera e estava internado num hospital. Foram encontrá-lo na ala de Psiquiatria a tentar recuperar de um esgotamento devido ao ataque à Vila que o vira nascer. Na esperança de ver o H a melhorar, foram à igreja rezar. Viram por lá o I a pedir pela segurança das outras letras. Quando saíram do edifício e passaram pelo jardim da igreja, avistaram o J a tratar das roseiras. Era o jardineiro da paróquia. Estava a regenerar e as cicatrizes instalavam-se já na sua mente atormentada pelas recordações da invasão. Para comemorarem este reencontro, foram ao Kartódromo Cabo das Tormentas. A adrenalina quase os impediu de ver o K a descontrair ao volante de um dos veículos. Acabada a corrida, foram à loja do recinto para comprarem lembranças. Foram atendidos pelo L, que seguiu caminho com os restantes. De volta à marginal, ficaram a observar o pôr-do-sol. Num barco à vela, o M navegava nas ondas calmas do mar. Repentinamente, instalou-se uma tempestade que arrastou o M para o fundo do mar. Era o Adamastor. Lá estava também o P numa nau desfeita juntamente com o N, ambos à espera de ajuda. Até que foram socorridos pelo O, a bóia de salvamento. Após a tempestade, viram um barco que julgavam ser o Q, mas era o Zero disfarçado com os seus piratas e prontos para mais uma investida. Mas o R, com os seus superpoderes, num grande relâmpago, destruiu o Zero e toda a sua tripulação.

Nos destroços do barco, encontraram o S e o T feridos na água tépida e salgada. Durante o resgate, apareceu também o U:

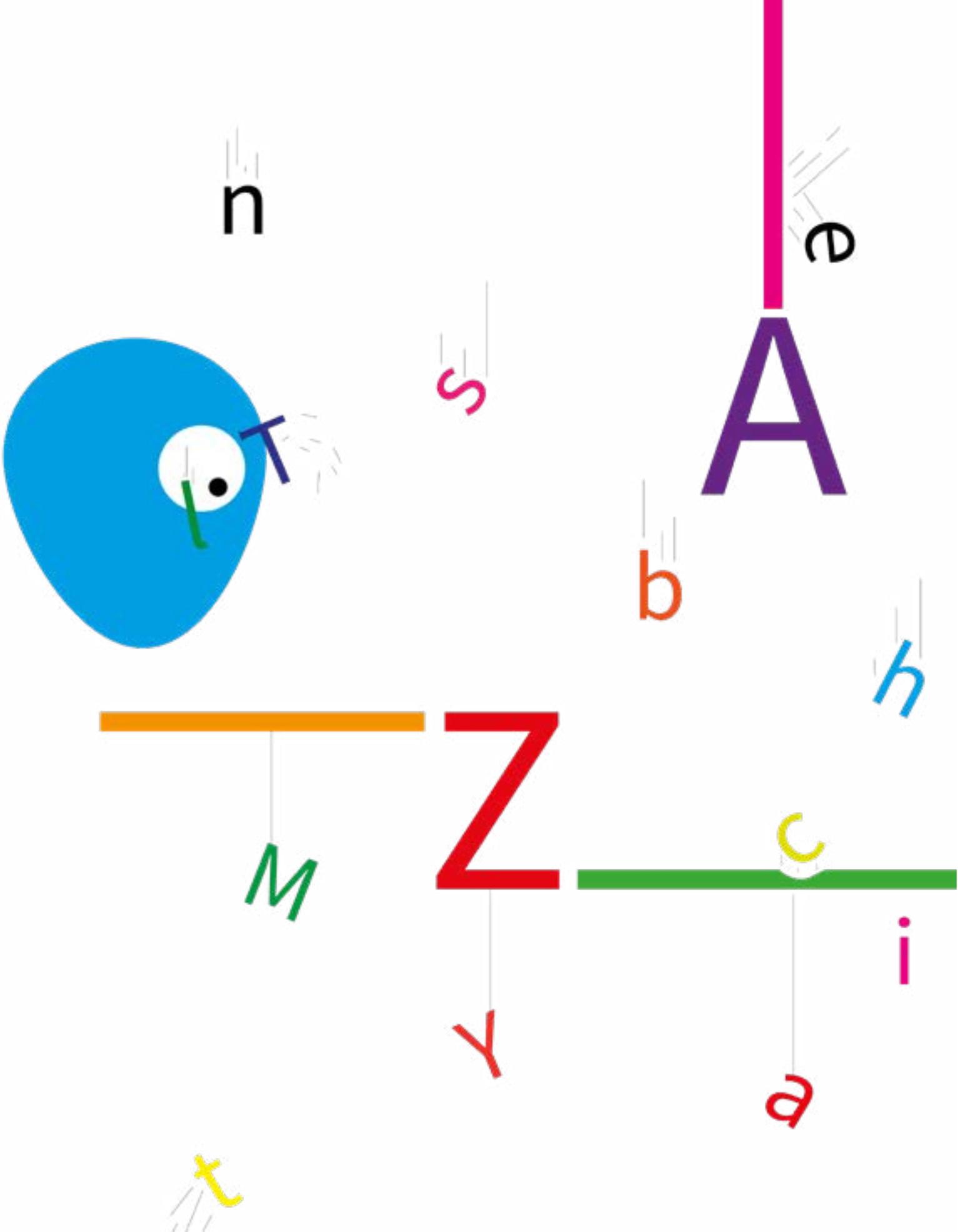
- Urge encontramos os restantes!

-Sejamos velozes! – replicou o valente V.

-Waka! Waka! – gritou o W à chegada às ilhas Xuxanas do imperador X.

Sem saberem que o X estava em conflito com o seu irmão mais velho, o poderoso Y, cujo grito de guerra era «Yankye yankye», as letras arrependeram-se de ter atracado naquele terrível local. No frio da noite, o Z acordou com tremores, apercebendo-se que tudo havia sido um sonho.





Design Gráfico Yllen Martínez e Mathis Silva 11ºQ
Ilustrações turma 10ºK
Trabalho realizado pelas turmas do básico e secundário
2021-2022